



JORNAL DE GARVÃO

Nº 25 Verão de 2019

1.00 Euro

<https://garvao.blogs.sapo.pt/>

HOSPITAL

Da Irmandade do Sagrado
Espírito Santo em Garvão

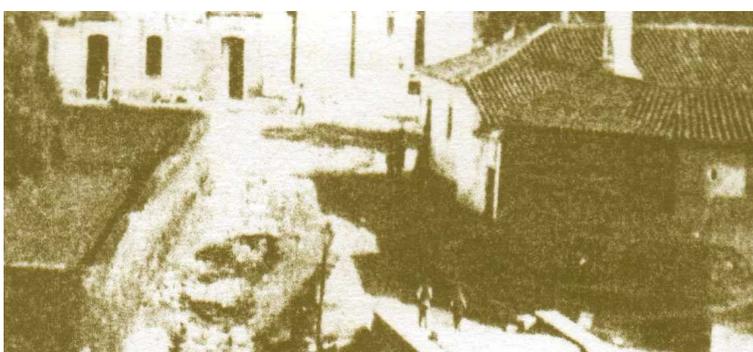
Pag. 4



**PEDRA à ESQUINA Da LOJA
do SR ZÉ CONDUTO
Em forma de mó. Pag. 5**



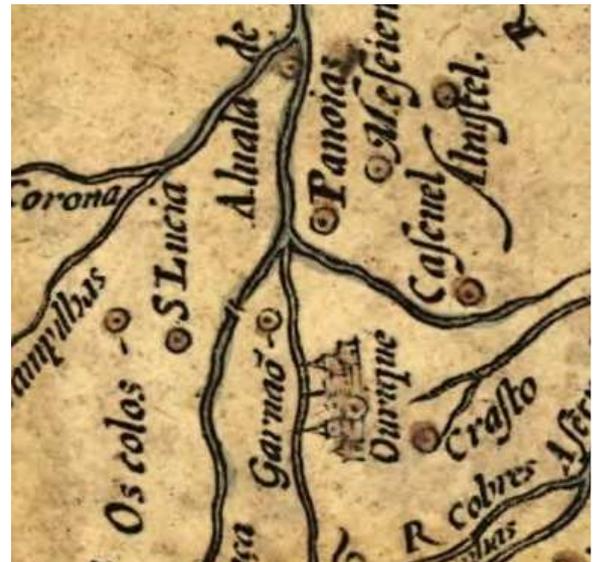
**MARATECA em GARVÃO
Pag. 8**



GARVÃO

Nas CORTES do REINO

Pag. 11



**GARVÃO nos
PRIMEIROS MAPAS de
PORTUGAL**

A questão da antiguidade
da chamada, “PONTE
ROMANA” da Estação
de Garvão, nos mapas de
Fernando Alvaro Seco e
de Pedro Teixeira
Albernaz

Pag. 9

**A BATALHA DE
OURIQUE
Forjando um Mito
Pag. 6/7**

EDITORIAL

A estratégia de implementação de um Plano de Desenvolvimento Local

A estratégia de implementação de um Plano de Desenvolvimento Local, resulta de uma intervenção e convergência de experiências e expectativas que um conjunto diversificado de parceiros envolvidos, transporta para o seio do debate e análise deste assunto.

A informação e o conjunto de ideias e propostas no Plano de Desenvolvimento Local, não são produção exclusiva nem de uma entidade, nem de um indivíduo, antes sim de uma multiplicidade de contributos construídos e transmitidos ao longo de um percurso.

- O abandono da população jovem,
- O envelhecimento progressivo da população,
- A baixa qualificação dos recursos humanos,
- A fragilidade do tecido produtivo,
- A reduzida capacidade empresarial,
- Os problemas de natureza ambiental,
- A desidentificação das pessoas com o território,
- A importância de alguns recursos locais bastante subaproveitados,

São alguns dos aspectos que constituem a base de ponderação e a partir da qual se deve construir o Plano de Desenvolvimento Local.

A fixação da população jovem; reforço da identidade local; valorização dos recursos locais; dinamização da economia local:

A fixação da população jovem, surge como um objectivo final, pela importância de que se reveste para o futuro do território e, deve ser assumido pelo conjunto dos parceiros envolvidos.

O decréscimo da população no território, a baixa taxa de natalidade, o envelhecimento da população, a migração da população jovem em idade activa, a baixa qualificação dos recursos humanos, a reduzida capacidade de investimento constituem, de facto, aspectos que preocupam bastante as entidades que localmente realizam um esforço no sentido de fixar a população e evitar o êxodo rural.

A articulação deste objectivo com o da dinamização da economia local constituem um pilar estruturante do Plano de Desenvolvimento Local;

O reforço da identidade local, todo o conjunto de aspectos que caracterizavam o meio rural no nosso território têm sido consecutivamente colocados em causa, a alteração dos ritmos de trabalho, a alteração da paisagem, a redução drástica das actividades agrícolas,

a deslocação da população em idade activa para outros sectores de actividade, as inúmeras construções tanto de habitações como de outras infra-estruturas, o abandono de algumas aldeias, a pressão demográfica nas sedes de concelho, o abandono de práticas ancestrais de produção dos produtos e bens essenciais (pão, enchidos, panos de linho e estopa, lavra da terra, moagem, etc.), a introdução de rotinas e de hábitos de consumo urbanos, criaram uma cisão nos factores de identificação da população (sobretudo da mais jovem) com o território.

A valorização dos recursos locais – surge como uma questão também crucial para a prossecução do objectivo geral do PDL. O território e as suas gentes olham pouco cientes para o valor que alguns dos seus recursos poderão representar para a melhoria da sua qualidade de vida. No entanto, a valorização dos recursos locais poderão representar oportunidades de investimento, de criação de emprego, de uma ocupação dos tempos livres com qualidade e significar em última análise um território competitivo.

O vinho, o queijo, a laranja, a maçã, o azeite, a gastronomia, a floresta, o mobiliário e o restauro, a paisagem, o património natural e histórico-cultural, as albufeiras, os recursos hídricos, as águas termais, o mel, são alguns dos recursos nos quais se considera fundamental uma intervenção local.

A dinamização da economia local, constitui-se como um aspecto crucial no sentido de promover, também economicamente o território, atribuindo-lhe a auto-sustentabilidade que lhe garanta alguma autonomia face ao exterior. A dinamização da economia local surge intimamente associada à fixação da população jovem e à formação e qualificação dos recursos humanos locais.

Os procedimentos operacionais referentes à implementação deste PDL, assumem grande relevância na medida em que a estratégia definida, assenta largamente num objectivo central de animação local do território, significa isto que estamos a falar de actividades que requerem a presença permanente e eficaz de uma equipa cujas principais tarefas serão exactamente as de gestão, implementação e de animação local do conjunto de acções previstas.

FONTE: ADICES – Associação de Desenvolvimento de Iniciativas Culturais, Sociais e Económicas.



OFICINAS DE VERÃO DE SERPA COM MAIS DE 400 CRIANÇAS

A Câmara Municipal de Serpa promoveu mais uma edição das Oficinas de Verão. Destinadas a crianças de todo o concelho, em idade pré-escolar e até aos 12 anos, as oficinas decorrem até dia 31 de agosto.

A iniciativa municipal é promovida com o objetivo de dar resposta necessidades das famílias na ocupação dos mais novos, em período de férias escolares.

O projeto é desenvolvido em várias localidades do concelho, sendo que o município aceitou 430 inscrições. Em Serpa serão integradas nestas oficinas 166 crianças; em Pias participam 66; em Vila Nova de São Bento, 60; em Vila



Verde de Ficalho, 42; em Vales Mortos, Brinches e Vale Vargo, 27 respetivamente e 15 em A-do-Pinto.

Em nota de imprensa, a autarquia revela que, “apesar desta não ser uma competência do município”, a Câmara Municipal serpense avança, também este ano, com a realização gratuita das oficinas.

Do programa das oficinas constam diversas iniciativas, com destaque para o desporto, cante, expressão plástica, entre outras. Estão, ainda, previstas algumas visitas a locais emblemáticos de Serpa, como o Castelo e o Museu de Arqueologia.

250 MIL ANOS DE CULTURA ALENTEJANA EM EXPOSIÇÃO

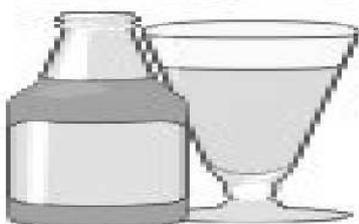
O Núcleo Museológico da Rua do Sembrano, em Beja, traz a público a exposição “Sob a terra e as águas. 20 anos de Arqueologia entre Gadiana e Sado”, que assinala o dia Internacional dos Museus e o contributo de Alqueva decorrente das medidas de minimização dos impactes arqueológicos na zona servida pelo



Empreendimento de Fins Múltiplos de Alqueva (EFMA). Nesta exposição, inaugurada dia 18 de maio, serão apresentados um conjunto ímpar de peças arqueológicas que permitem uma viagem pelos diferentes povos e culturas que habitaram a região, ao longo dos últimos 250.000 anos.

DIVULGAÇÃO COMERCIAL: Toda a publicidade incluída neste jornal não está sujeita a pagamento

Café Central



Manuel Bárbara dos Reis
Comidas e
Dormidas

Telef. 286 555 113

Lg. da Amoreira, 3 – GARVÃO



HOSPITAL

Da Irmandade do Sagrado Espírito Santo em Garvão

As instalações do Hospital da Irmandade do Sagrado Espírito Santo de Garvão ainda, nos princípios dos anos setenta do século passado, se observavam na Rua da Misericórdia, até que a vaga reformista de obras camarárias, dos finais dos anos setenta e princípios de oitenta, deitou por terra o que restava destas instalações.

A Irmandade do Sagrado Espírito Santo, animada pelo espírito de solidariedade e religiosidade da época, que caracterizavam e estavam na génese da constituição destas Confrarias, criou na vila de Garvão o Hospital do Sagrado Espírito Santo, para tratamento e aconchego dos doentes e peregrinos. Hospital esse que passou posteriormente, em 1734, para a posse da Santa Casa da Misericórdia de Garvão, como se pode observar na folha 11 verso e 12 rosto do livro “da Misericórdia e do Sagrado Espírito Santo”.

“Auto de Pose

(...) e ali eu Escrivão com o Provedor da Santa Casa da Misericórdia (...) e o Escrivão da mesma (...) fomos a Igreja do Espírito Santo (...) e meti de pose da ademenstração da dita Igreja, e de tudo o mais a ela pertencente, como também das casas que servem de Hospital (...)”

Embora o Hospital recebesse, da população, pequenas ofertas de produtos agrícolas, viveres, farinhas, pão e legumes, dentro das suas parcas possibilidades, era nos rendimentos provenientes das rendas das propriedades, olivais, vinhas, pastagens e terras de sementeira que consistia a principal fonte de receita das Irmandades e Hospitais do Sagrado Espírito Santo.

Seriam, inicialmente, instalações humildes, por vezes nas casas dos próprios irmãos, compondo-se de poucas camas ou de reduzidos cómodos de recolhimento

dos necessitados. Posteriormente teriam dormitório com os seus repartimentos e camas para os enfermos e instalações para os enfermeiros, teriam igualmente celeiro para o recolhimento dos frutos, que recebe das rendas e cavalaria para as cavalgadas dos peregrinos ou viajantes.

Os oficiais envolvidos na administração do hospital, para além do Mordomo do hospital e o escrivão, incluía igualmente os Sangradores e os barbeiros, o físico e cirurgião, o boticário, o enfermeiro e um capelão.

Eram remunerados segundo as suas atribuições que geralmente consistia num moio de trigo para os cargos mais importantes e valores em dinheiro, (dez ou quinze mil reis em certos Hospitais), ou em géneros. O boticário recebia igualmente pagamento pelas mezinhas que fazia.

Ainda nos anos sessenta, se observava as ruínas deste edifício térreo, de paredes de taipa e pedra, postas de cutelo à maneira árabe, de um só piso, de telha vã e chão de ladrilhos de barro cosido toscamente, ainda era possível vislumbrar restos das cadeiras, mesas, arcas e outro mobiliário e restos de tecidos, rasgados, rotos, sujos, mas, onde ainda se notava resquícios dos bordados dourados que em tempos devem ter adornado as vestes dos capelães e outros oficiais do culto nas suas obrigações e cuidados litúrgicos.

O Hospital, apesar do inegável valor histórico, por muito arruinado que estivesse, o local foi posteriormente, aos anos setenta do século XX, completamente terraplanado e limpo, ficando o espaço em aberto delimitado pelos modernos lancis de cimento. Situado no primitivo aglomerado urbano da vila de Garvão, na actual rua da Misericórdia, junto à Igreja Matriz, a tradição popular, pelo menos os mais velhos, ainda se referem ao local como “lugar do Hospital”.

paraFarmácia
GARVÃO

Técnico: Luis Miguel de Oliveira Vieira Rato
Rua 25 de Abril n.º 3
7670 - Garvão

Tel: 286 555 200
Fax: 286 555 405
parafarmaciadegarvao@hotmail.com

Kafé Snack - Bar
“NOVO RUMO”
Servem-se refeições e petiscos diversos

Chefaria: Maria de Fátima Barbosa e Carlos Barbosa

Telems.: 934 785 927 / 936 234 652
Rua do Álamo, N.º 11 ** 7670-136 Garvão

GenSolar
Reservar de Energia Alternativa, S.L.

Johanna Samwald
Jasamwald@hotmail.com

gensolar@iol.pt
Tm: +351 936 738 308
Tm: +351 918 640 384

CAFÉ LINA

Carlos Sábido Lina
904267800

Chada Nova

Padaria
MARTINS

Rua de Ourique, 22

de Joaquim Martins Moreira Costa

Telems. 926 005 930 - 936 347 021 - GARVÃO

LINDAMIRAS DÓLORES
DE BRITO GARVALHO

Tel. 286 555 371
Tlm. 939 441 637
Rua do Álamo, 4
7670 GARVÃO



PEDRA à ESQUINA

Da LOJA do SR ZÉ CONDUTO

Em forma de mó

A Coluna “Romana” que se encontra na travessa do Álamo, não constitui o único vestígio de interesse arqueológico que se encontra nas ruas da vila, tempos houve em que outra coluna se encontrava na rua das hortas, pedras de cabeceira de sepulturas nos quintais junto ao castelo, pedra mármore junto ao cemitério velho, outra pedra mármore num quintal da travessa do Álamo, entre outras como a que a seguir se relata.

Junto à porta da loja do Sr Conduto, loja de roupas e chapelaria nos anos sessenta do século passado, na rua Direita, à esquina da ladeira que dá para a ribeira, estava uma pedra redonda em forma de mó, de grandes dimensões, de cor branca, possivelmente de calcário ou de mármore.

As suas dimensões não correspondem ao tamanho das pedras de mó conhecidas, sendo esta demasiado larga, alta e pesada para tal função, terá de se procurar a sua utilização noutra actividade, cuja utilização não é, presentemente, o motivo deste artigo, mas somente dar a conhecer a existência de tal peça.

Desconhece-se igualmente quanto tempo lá esteve ou quem para lá a levou.

Terá sido descoberta no local onde se procedeu posteriormente à construção que lá se observa? Terá sido para lá levada para ser partida e utilizada na própria construção? Terá vindo de algum outro lugar, mesmo de algum lagar antigo, como o lagar de azeite que se encontrava no Largo do Lagar? (hoje Largo da Amoreira). São questões que obviamente se desconhece e sem ser devidamente examinada também se desconhece o seu valor patrimonial e histórico.

A pedra foi eventualmente deslocada, ladeira abaixo e hoje encontra-se incorporada na parte lateral da ribeira, a nascente, entre a actual ponte pedonal e a última casa do lado esquerdo.



Adília Pereira Coelho
TINTAS
DROGAS
FERRAGENS
MATERIAL PARA PESCA
Tel. 288 555 473 - Resid. 288 555 381
Rua do Álamo, 12 - GARVÃO

“BAR DA ESTACÇÃO”
REFEIÇÕES E PETISCOS REGIONAIS
de: *Célia Maria Pacheco Silva*
Telem. 917 591 497
7670 - 129 FUNCLEIRA - GARE

AUTO LITORAL
António Adanjo
MANUTENÇÃO E COMÉRCIO DE AUTOMÓVEIS
Tel. / Fax 283 691 432 - Tlm. 936 852 990
CAMPO REDONDO

Restaurante Martins
Bairro Novo da Sardoas
Lote 38
de **padaria Martins**
Rua de Ourique, 22
de
Joaquim Martins Moreira Costa
7670 Garvão
Tel.s - 936 347 021 e 932 592 913



A BATALHA FORJANDO

O CRISTIANISMO NA PENÍNSULA IBÉRICA

A mitificação das origens de um estado, mais do que enaltecer um acto genesíaco ou fundacional procura a legitimação da memória histórica baseado numa realidade fenoménica de virtudes, glorificação e de engrandecimento do passado, idealizando uma época que revela o irrealismo prodigioso duma imagem engendrada, mas que no fundo a população têm como garantido e de si mesmos.

É recorrente na história das nações organizar o passado histórico em função das necessidades do presente, os mitos fundacionais são na maioria dos casos, senão em todos, uma espécie de mitologia em que o historiador adapta a verdade histórica de forma a inculcar uma determinada visão do passado, ficcionando-a e modelando-a ao serviço dos interesses ideológico-políticos tanto do passado como do presente.

Ao mistificar esta fundação de Portugal em Dom Afonso Henriques, herdeiro duma terra, resgatada ao infiel, que tem a sua origem nos guerreiros lusitanos, procura-se suprimi-la, numa altura de lutas pelos territórios fronteiriços ou de indefinição dinástica, á ocupação ou mesmo ao aniquilamento por parte dos reinos vizinhos como se veio a observar com a ocupação Filipina de Portugal.

A história de Portugal regista a batalha de Ourique em 25 de Julho de 1139, dia de Santiago, um dos apóstolos que teria difundido a fé cristã na Península Ibérica.

Os relatos sobre a evangelização da Península por São Tiago são manifestamente tardios e impossíveis de confirmar. A ausência de informações concretas sobre as origens da penetração do cristianismo nesta zona, deu lugar a toda uma série de mitos e até mesmo de tradições.

Uma dessas tradições relata a vinda da apóstolo São Tiago à Península Ibérica, contudo historicamente é impossível estabelecer uma ligação deste apóstolo às Igrejas Ibéricas, visto que não existe qualquer referência em nenhuma das fontes da época a São Tiago.

Segundo uma tradição lendária, no século IX, na Galiza, um eremita de nome Pelaio, anunciou uma revelação, sobre um túmulo, que tivera enquanto dormia, contendo umas relíquias que foram de imediato veneradas e associadas a Santiago e sobre o qual viria a ser erguida a Catedral de Santiago de Compostela.

Os árabes invadiram a Espanha em 711 e deixaram, aos ibéricos, apenas o norte da península, conhecida por Astúrias, onde mantiveram uma resistência à dominação árabe. Nesse período, fazia falta aos hispânicos uma figura que unificasse a luta contra o inimigo comum. As dificuldades no acesso aos tradicionais destinos de peregrinação cristã, Roma e Jerusalém, acabam por conduzir muitos peregrinos a Compostela.

Da mesma forma que os muçulmanos tinham a sua peregrinação a Meca, os cristãos também passariam a ter a sua peregrinação a Santiago de Compostela na Galiza e se nas batalhas os mouros invocavam Maomé, os cristãos passaram a chamar por Santiago, “o matamouros”.

A lenda do “Santiago-matamouros”, surgiu relacionado com a lendária batalha de Clavijo em Espanha em 25 de Julho de 844, dia de Santiago, onde um rei cristão, em grande desvantagem numérica, desbaratou e derrotou vários reis mouros.

A documentação histórica referente a Clavijo é contestada, e tudo leva a crer que foi forjada pelo Arcebispo de Toledo, Rodrigo Jiménez de Rada que terá forjado uma narrativa de traços míticos, na qual milagrosamente Santiago intervira numa batalha a favor dos cristãos na luta contra os mouros, considerada fantasiosa por falta de documentação ou de outras referências credíveis.

A lenda conta que Ramiro I teve um sonho no qual o apóstolo Tiago teria garantido a sua presença no campo de batalha e assegurado a vitória. De acordo com essa lenda, no dia seguinte os exércitos de Ramiro I, encorajados pela presença do Apóstolo montado num cavalo branco, a lutar contra os seus adversários, decapitando os mouros e ajudando a vitória dos cristãos

Salão Mila
Emília M.^a Mestre Maia M.
Telef. 286 555 201 Rua Nova, 15-A
Telem. 965 779 545 GARVÃO

ANTÓNIO FRANCISCO DELFINO
VENDA E ASSISTÊNCIA TÉCNICA A PNEUS DE LIGEIROS E PESADOS
PNEUS AURORA - MECÂNICA GERAL
Telef. 286 555 416 – Telem. 962 341 322
GARVÃO

VEDESTEIN
ALLIANCE
MARSHAL
PHELIS

RECONSTRUIDOS
FEDIMA®
LIBRIFICANTES
SHELL



DE OURIQUE

UM MITO

do rei Ramiro, onde em grande desvantagem numérica enfrentava as tropas muçulmanas.

A BATALHA DE OURIQUE

Os relatos descrevem o acontecimento da batalha de Ourique em 25 de Julho de 1139, em que um rei cristão, D. Afonso Henriques, em inferioridade numérica derrota vários reis muçulmanos precisamente no dia de Santiago e apesar de existir vários documentos, desde o século XII, que falam sobre a batalha, a menção ao aparecimento de Cristo a D. Afonso Henriques só aparece no século XV, cerca de 300 anos depois da suposta batalha, possivelmente redigida por Fernão Lopes, cronista do Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra em 1419, numa altura de guerras com Castela.

Se nos registos anteriores ao século XV, a vitória da batalha de Ourique era atribuída a São Tiago, posteriormente passou a ser atribuída a Cristo, se no campo de batalha, pela disputa dos territórios fronteiriços, os Castelhanos bradavam a Santiago, os Portugueses tinham de bradar mais alto, a Cristo directamente.

Com a invenção do milagre, a este vai-se acrescentando, nos séculos seguintes, sempre com mais alguma narrativa, conforme os escritores que sobre o acontecimento relatam, até que chegando ao século XIX, Alexandre Herculano as denuncia como meramente fantasiosas e carentes de legitimidade histórica.

No século XVII, com a ocupação do trono e do reino pelos Filipes Castelhanos, a lenda ganha mais prestígio e precisão pela mão do frade cisterciense Bernardo de Brito.

De facto não se encontram referências sobre esse acontecimento antes dessas datas, nem na crónica geral de Espanha de 1344, nem nas outras fontes sejam elas portuguesas, castelhanas ou árabes, nem inclusivamente no documento mais antigo que se conhece sobre a vila de Ourique que é o seu foral de 1290.

De referir também que nos primórdios da

formação de Portugal o Campo de Ourique não se restringia somente á vila ou concelho de Ourique, era, de uma forma incipiente, geralmente considerado grande parte do território que se prolongava para sul do rio Tejo, portanto falar numa batalha de Ourique seria falar numa região a Sul do Tejo.

Quando a fronteira do reino de Portugal em 1139 se situava no rio Mondego, era inadmissível situar um exército desta natureza a cerca de quinhentos quilómetros da fronteira e em pleno território inimigo.

As particularidades das lutas pelo controle do território entre cristãos e muçulmanos não favoreciam a concentração de grandes exércitos ou de batalhas campais, constituídos maioritariamente pela cavalaria pesada da nobreza terra tenente, com armaduras imponentes e exercito pedonal incluindo arqueiros e lanceiros.

As conquistas das cidades por D. Afonso Henriques e sucessores, faziam-se mais à custa das tropas ligeiras dos concelhos, dos cavaleiros-vilãos, peões e besteiros, ou de intrépidos aventureiros como Geraldo-Sem-Pavor que conquistou Évora, ou trepando os muros na calada da noite como em Santarém ou com a ajuda dos cruzados como no caso de Lisboa, as próprias ordens religioso-militares resguardavam uma parte dos seus guerreiros na defesa dos seus próprios territórios.

As vitórias de D. Afonso Henriques contra os sarracenos e as suas ambições políticas em formar um reino independente, carecia de fundamento e do respectivo reconhecimento, nesse sentido haveria de mistificar a fundação do reino na criação divina.

Os cinco reis mouros derrotados poderiam equivaler a outras cinco batalhas, emboscadas ou acções de guerrilha, temporalmente apartadas, tomando o nome daquela que no contexto geo-político da época se apresentava mais distante, ou seja depois do Tejo, não deixando, contudo, de ter em atenção tanto as imprecisões localizáveis no terreno como os exageros dos feitos e fanfarronices de cavaleiros.

Assim, estas escaramuças pelo território, tomaram,

Café Nascido do Sol
ALMOÇOS · PETISCOS · JANTARES
Tel. 286 555 347 - GARVÃO

Padaria MARTINS
Rua de Ourique, 22
de Joaquim Martins Moreira Costa
Telens. 926 005 930 - 936 347 021 - GARVÃO

CAFÉ CANELAS
de José Guerreiro Manuel
Contactos: 27 718 041 021
Telefone: 286 555 108
Telemóvel: 905 090 101
Largo da Estação n.24 - 7670-128 GARVÃO

PADARIA VITÓRIA
Joaquim
Rosário Guerreiro
Telef. 286 555 133
Rua Nova, 3 - 7670-141 GARVÃO



A BATALHA DE OURIQUE

Forjando um Mito

no século XV, um sentido mítico-sacralizante do rei e do reino, esta mitificação das origens aparece assim como a peça fulcral, como o milagre que faltava para atestar a protecção divina concedida a este reino desde a sua fundação.

A concluir no que diz respeito à batalha de Ourique, sob o ponto de vista do espetáculo, da especulação, da teatralidade, muito pouco há a dizer, sob o ponto de visto histórico podemos recorrer, como exemplo, ao que diz o historiador José Hermano Saraiva no programa da RTP, "A Alma e a Gente", emitido em 26 de Novembro de 2006:

"Por isso eu admiro-me muito por ver aqui à porta da Câmara Municipal, está ali uma placa com uma série de nomes, ... e disseram-me "... esses morreram na Batalha de Ourique, no século XII", "o quê?!" "é", então comecei a ler. Lá em cima diz Fernão Mendes de Bragança e os seus dois irmãos, Egas Moniz e os seus dois filhos, Afonso vi, o Moço Viegas, o Soeiro Viegas, o Garcia Mendes, o Lourenço Mendes e até lá está o D. Fuas Roupinho. Como sabem o D. Fuas Roupinho era um almirante que parece, também segundo, tudo isso é lenda, ... até o D. Fuas Roupinho mataram aqui para fazer aquela lápide. Eu sinceramente discordo dessas invenções históricas, Portugal tem tanta glória verdadeira, tem tantos factos de que nós nos podemos sinceramente orgulhar, que escusamos de recorrer a estas invencionices. Nós não precisamos, graças a Deus, nesse capítulo de episódios gloriosos de roubar nada a ninguém "

MARATECA em GARVÃO

Surge no livro da Misericórdia e do Sagrado Espírito Santo de Garvão, na folha 122 verso, a denominação de um lugar denominado por Marateca, este lugar, segundo o mencionado livro, deveria-se situar junto à travessia da ribeira, senão fosse mesmo o lugar da própria travessia ou de alguma característica desse lugar, como se verá.

Traslado d'Escurtura de Confissão de Divida Com obrigaçãõ de paga de proprio, e juros da quantia de vinte quatro mil reis, (...) que fazem Diogo Mendes Lopes d'Azevedo, e sua Mulher Catharina Maria moradores nesta villa, (...) a razaõ de juro de cinco por cento por tempo de hum anno (...) no dia trez d'Outubro de mil outo centos vinte e quatro, (...) em especial hum quintal com arvores manças sito junto ao Lagar do Azeite nesta villa, foreiro ao Conselho desta mesma em outenta reis, e parte do Norte com dito Lagar, do Nascente com Largo, do Sul com Marateca, e do Poente com terra do Conselho.

O mencionado lagar de azeite, a qual parte do Norte, situava-se no actual Largo da Amoreira, nessa altura denominado por Largo do Lagar o qual parte do nascente, do Sul com Marateca, (seria a estrada que atravessa a ribeira) e no Poente com terras do concelho, (presume-se que seja, ou a própria ribeira ou algum talhão de terreno, como actualmente se observa a Norte da ponte).

Sobre a palavra Marateca não se tem encontrado nos vários dicionários de português antigo, qualquer referência credível a esta palavra. Contudo a palavra Marateca, encontra-se amiúde na toponímia portuguesa, seja no Norte como no Sul do país.

Encontra-se uma designação de origem árabe: Marateca (Mar'a at-Taqia, mulher devota) e encontra-se igualmente uma lenda sobre uma moura raptada e que terá dito Mar-até-cá, quando chegou ao lugar actualmente conhecido por Marateca, no concelho de Palmela.

Todos eles têm em comum o facto de se situarem junto a cursos de água e mais concretamente com a actividade de recolha de materiais para construção, nomeadamente, areias e cascalhos.

Julga-se assim que o leito da ribeira, antes do nivelamento e da cobertura das margens e do leito à base de cimento, como se observa actualmente, a chamada placa, permitia a recolha desses materiais, cujo acesso era facilitado pela falta de ponte cuja construção é do início do século XX, (existe memória de uma ponte em madeira para peões, mas o trânsito de cargas pesadas de tracção animal e carroças, fazia-se pelo leito da ribeira).

Fazia-se assim a passagem entre as duas margens pela própria ribeira, cujo leito permitia a recolha das areias e cascalhos deixados pelas cheias inverniais. Ainda nos anos sessenta do século passado, antes da construção, a Sul, da segunda parte do nivelamento da ribeira, junto à ponte do perú, no caminho para o furadouro, se observava a recolha de areão e burgau, pela população, para as mais variadas tarefas de construção.

Café Beira Linha
ALMOÇOS E JANTARES
Telef. 286 555 199
ESTAÇÃO DE GARVÃO

Cont. N.º 901 887 621
MARVEL BARTOLOMEU ROMÃO, HERD.
ARMAZENISTA e DISTRIBUIDOR
Telef. 286 555 120 – Telef. / Fax 286 512 848
E.N. 123 KM 47,8
OURIQUE

ANTÓNIO
VENDA E ASSISTÊNCIA TÉCNICA
Radios e Televisões
Telef. 286 555 111
GARVÃO

ALUMIGARVÃO
Carlos Silva & Silva, Lda.
Tlm. 934 059 158
Catilheira de Alumínio e Madeira
Montagem de Estares
Portões Basculantes e de Rolé
Tectos Falsos – Orçamentos e Deslocações Grátis
Tel./Fax 286 555 164 – Rua Nova 25-B – GARVÃO



GARVÃO nos PRIMEIROS MAPAS de PORTUGAL

A questão da antiguidade da chamada, “PONTE ROMANA” da Estação de Garvão, nos mapas de Fernando Alvaro Seco e de Pedro Teixeira Albernaz

A primeira representação conhecida do levantamento cartográfico do território nacional continental é a carta efectuada por Fernando Álvaro Seco e publicado em Roma em 1561.

Em 1662, publicava-se em Madrid, a carta de Pedro Teixeira Albernaz, *Description del reyno de Portugal y de los reynos de Castilla...*

Tanto uma carta como outra serviriam de base, nos séculos seguintes, às diversas cartas e mapas de Portugal que se publicaram nos séculos seguintes. *No inventário das localidades referidas pelo mapa de P. T. ALBERNAZ começaram por manter-se as mesmas áreas que tinham sido definidas no de A. SECO.*¹

As povoações do antigo concelho de Garvão, Garvão e Santa Luzia, aparecem, nos respectivos mapas, com as designações actuais, embora, no caso de Garvão, com alguns erros gráficos, nomeadamente no de A. Seco, em que a vila de Garvão aparece com a designação de GARNÃO.

Segundo Maria Fernanda Alegria, *O mapa de A. SECO é extremamente rico na toponímia e na hidrografia, cita vários acidentes orográficos, deixa bem assinaladas as pontes sobre os cursos de água (embora não represente vias de comunicação),*² esta observação de Maria Fernanda Alegria, leva-nos a tecer considerações sobre a antiguidade da chamada “Ponte Romana” da Estação de Garvão.

Embora esta antiguidade seja discutida, tanto pela falta de estudos que o confirmem, como pela existência de um arruamento que atravessava a ribeira nesse local, (diante da Igreja de S. Sebastião), assim como pela construção das

edificações que respeitaram esse arruamento. Contudo aparece, no referido mapa, a sinalização de uma ponte sobre a ribeira de Garvão.

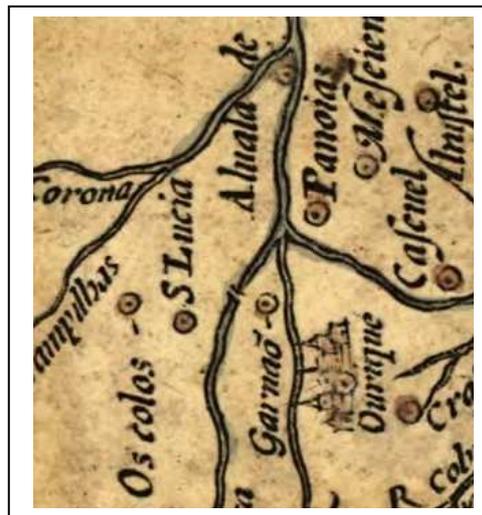
Nesta altura a vila limitava-se ao Serro do Castelo, não se tinha, ainda, estendido para nascente, para o outro lado da ribeira, assim a sinalização duma ponte, a ponte, aponta para a referida ponte na Estação de Garvão, no trajecto da Estrada Real. De notar igualmente que a ponte, em alvenaria, que liga a parte antiga da vila à parte mais recente, (demolida no seguimento das cheias de

1997), é uma construção de meados do século XX. A ribeira que atravessa actualmente a vila, aparece igualmente no referido mapa, sem menção a qualquer ponte.

Assim, embora com algumas reticências, teremos de enquadrar a localização da ponte, mencionada nos referidos mapas, como a ponte da Estação de Garvão,

¹ Maria Fernanda Alegria, *O povoamento a sul do Tejo nos séculos XVI e XVII*. REVISTA DA FACULDADE DE LETRAS – GEOGRAFIA I Série, Vol. I, Porto, 1986, p. 179 a 206

² Idem




Informática

PSC, Informática de Paulo J F Sousa Cruz
Rua Nova 5A - 7670-141 Garvão
Telm.: 938 783 670 - E-mail: pscw3366@gmail.com


MONTARAZ
GARVÃO


Agência Funerária Alentejana
Funerária e instalações para todo o país

Sede:
Rua Eng. Duarte Pacheco 1-3
Aveiro 45
TELO: 266 012 581
Tel - Fax 266 012 581
Email: funeraltejana@napo.pt

Filiais:
Centro Comercial
Vila Nova de Mil Fontes
Lagoa 26 Carvo
Rua Gago Coutinho 72
1685-000 Sabugal
Tel - 265 882 117
Estrada Nacional
S. Lúcia
Colmeira

Joaquim Gonçalves: 938610895
Elio Guerreiro: 968982079
932606543
Pedro Gonçalves: 912603544


Garvão
mini mercado

De. José António Silva Nunes Lg. da Palmeira, 4 - OURIQUE

GARVÃO SUPER
mini mercado

Os Docinhos da Céu
Café Pastelaria

de: Maria do Céu Canturo

Tel. 286 555 252 - 286 107 917
Tlm. 938 291 029 - 939 297 392
Rua de Ourique, 27 - GARVÃO

Drogaria Carapinha
De: Rui Novo Gonçalves Carapinha

REDES - TINTAS - RAÇÕES
CEREAIS - FERRAMENTAS - ETC

Tel. 286 555 441
Tlm. 936 337 373
Rua Nova, 28 - GARVÃO



SUL e SUESTE

LUÍZA. (V Parte)

Crónica de "LUÍZA", do livro "SUL e SUESTE Prosas de Além-Tejo" de Joaquim da Costa, Natural de Garvão, publicado através das oficinas da Gazeta do Sul no Montijo, em 1940

O que êle quiere, sabe-se o que é...

- Quere para a filha um noivo rico, aí está.

- É um ambicioso. Não se farta de riqueza.

- E é de ruins figados, e não se fará rogado para atirar sobre o moço, se o vê a namorar a filha, como quem atira sobre um porco-espinho. Alma danada, que há-de ir, numa noite de tormenta, de raios e trovões, para as profundezas do inferno!..

Continuaram na sua faina. Um as após outras, As hastes mortas tombavam no chão. Por toda a vinha, que as chuvas de um longo inverno, tinham despido completamente, a terra úmida cheirando a folhas apodrecidas, havia um grande silêncio... Calados, entregues ao seu trabalho, os dois homens iam avançando lentamente por entre as vides.

Um rumor... Olharam, O lavrador avançava de ao pé da cabana do guarda, que ficava perto. Chegou junto deles, deulhes as «boas tardes» numa voz áspera, lançou um rápido olhar ao trabalho feito, e continuou na sua marcha.

A passo lento, um pouco curvado, a espingarda ao ombro, desapareceu por fim detrás duma colina redonda, além da vinha.

Ele escutara a conversa dos dois podadores.

A porta da cabana, aberta em direcção oposta àquela em que avançavam os dois homens, facilitara a entrada do lavrador que, sem ser visto mas vendo os podadores e ouvindo-os pelas aberturas do capim seco, pudera inteirar-se do que à cerca da filha se murmurava.

Ao primeiro impulso, ouvindo aquêle diálogo, tivera ganas de sair da cabana e, fazendo da caçadeira

cacete, agredir os dois homens, dar-lhes pancada até não poder mais. Um certo sentimento de prudência, o receio do escândalo, eis o que o contivera.

Uma cólera surda fervia nele, e agitava-o no caminho para o monte. A espaços, estacando no meio da estrada, falava alto:

- O almocreve! O Braga! Que patife!... Atrever-se a... Já viram maior arrôjo?...

E também não podia compreender como é que a filha herdeira certa de parte de seus bens, ricos tratos de terrenos de pão, e montados, não esquecendo a vinha, e que era uma das raparigas mais bonitas e jeitosas do sítio, instruída como poucas, pudesse gostar do Braga, pobre diabo sem um palmo de terra onde caísse morto, um pobretão, um pelintra!

Certo, este homem ouvira já pronunciar a palavra amor. Já tinha ouvido falar em casamentos por amor.

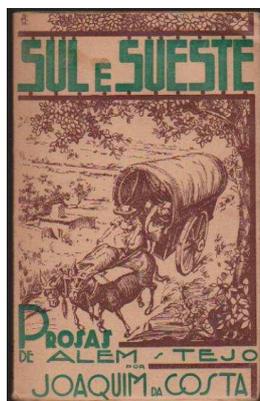
Mas a essa idea, indignou-se mais.

- O amor, o amor e uma cabana!

Lérias, cantigas... E recordava-se daquele recém-casado que, em resposta à sua

cara metade que lhe rogava: «Olha para mim, adoração», respondera: «olhava para ti, se tu fôsses pão...»

Para este homem, o sentimento verdadeiramente alto e digno, que agitava o mundo era o amor à riqueza e, sobretudo, à terra. E esse sentimento conhecia-o, tinha-o bem enraizado no mais íntimo recesso do seu coração. Por um palmo de terra seria capaz de jogar a vida. A terra, as suas terras, a herdade, o montado, a vinha! Como ele amava tudo isso, que era o seu mundo! As dores da terra, sentia-as mais profunda que as dores da família.




ourique 94.2
fm

rádio  emissão on-line 
CASTRENSE
93 FM
página inicial - programas - notícias - desporto - galeria fotográfica - email

Café Futuro
Almoços e Jantares

Rua do Álamo
--- Internet Wireless ---
Associação Futuro de Garvão

B. P. & P. Lda.
CONSTRUÇÃO E REMODELAÇÃO
Batista Pereira & Pereira, Lda.
Construção e Remodelação
Rua Quinta da Silveira, 11 - 559 - 1675-618 Famões - Casal da Silveira
Telefons.: 96 648 51 232 15 49 Fax: 21 980 40 08
E-mail: distapereira2001@sapo.pt



FAMÍLIAS DE GARVÃO COM HISTÓRIA



Família Ataíde

Ataíde é um sobrenome de origem portuguesa, classificado na onomástica como toponímico, pois teria surgido a partir da designação da torre e quinta de Ataíde, na freguesia de São Pedro de Ataíde, em Portugal.

Etimologicamente, acredita-se que este nome tenha derivado do teutónico *Athanagild*, que pode ser traduzido como “pai de luta”.

A grafia arcaica deste nome é *Athayde*, forma com qual o sobrenome foi inicialmente utilizado.

De acordo com os genealogistas, a família Ataíde portuguesa é bastante antiga e, ao longo dos séculos, manteve um elevado status social na Corte Real Portuguesa.

D. Luís de Ataíde, governador-geral e Vice-Rei da Índia Portuguesa, é um exemplo de um dos membros de destaque desta família em Portugal.

Uma das personalidades mais populares com este nome no Brasil foi o pintor e decorador brasileiro Manuel da Costa Ataíde, conhecido como “Mestre Ataíde” (1762 – 1830).

O brasão tradicional da família Ataíde é azul, com quatro bandas de prata. A sua marca constitui de uma onça deitada, com quatro bandas de prata.

40 ANOS DEPOIS...

O romance *Levantado do chão*, escrito em 1979, por José Saramago

O romance *Levantado do Chão*, de José Saramago, é fruto, conforme o próprio autor declara, de um sonho. O de falar sobre o Alentejo, os alentejanos e a sua luta pela sobrevivência. Sonho que o escritor concretizou e partilhou com o leitor, ao publicar, em 1981, este belo livro.

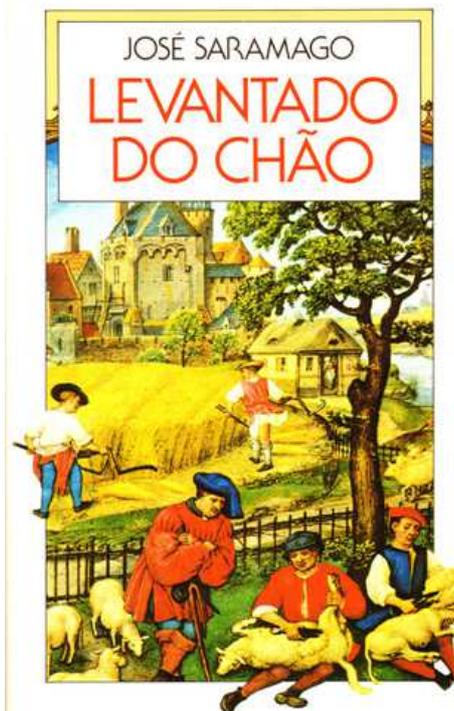
Resultado de um autor e de um narrador principal empenhados, comprometidos e, por vezes, até intervenientes, o livro narra a “saga” de uma família rural alentejana durante os primeiros 75 anos do século XX.

“Os Mau-Tempo” (e note-se a simbologia do nome), família formada por António, João, Domingos, Gracinda e Amélia, cruzam-se com outras famílias, como a dos “Canastra” (Sigismundo/Sismundo Canastro e Joana Canastra) e outras anónimas e com o grevista Manuel Espada.

Estes cruzamentos, enquanto suporte da intriga, surgem por imperativo da situação de desemprego em que estes trabalhadores se encontravam durante grande parte do ano (só havia trabalho sazonal para satisfazer as necessidades dos latifúndios) e da luta política já organizada contra esta situação de “fome crónica” que lentamente os matava.

Tendo como tema nuclear a exploração, o desemprego e a fome, *Levantado do Chão* fala-nos do inconformismo dos trabalhadores alentejanos que, se lentamente vão morrendo, também lentamente vão tomando consciência da necessidade de se organizarem para a luta pelo direito ao trabalho, pela jornada de oito horas e pelo uso útil da terra.

Saramago é incomparável na arte da literatura histórica. Em *Levantado do Chão*, é impressionante a capacidade do escritor de refletir todas as angústias e ansiedades de um povo na figura de uma única família. Os Mau-Tempo são reflexo direto da ditadura: sem um tostão, são obrigados a trabalhar para grandes proprietários de terra que pagam misérias enquanto cobram horas extremamente longas de trabalho. Em um país onde não existe legislação para proteger os trabalhadores e o governo é financiado por grandes empresários, a quem o povo poderia recorrer? A resposta está na própria terra: a eles mesmos.



CARPINTARIA CONVERSA

EXECUTAM-SE TRABALHOS EM ALUMÍNIO

- * Portas
- * Janelas
- * Marquises
- * Estores
- * Portões
- * Corrimões

Jorge Bento
964 173 005

Garvão - Ourique

